

Os tempos da narrativa em *Angústia*, de Graciliano Ramos, e seus intermédios – desvendando Luís da Silva a partir de seu discurso de si mesmo

Apresentação e Objetivos

O presente trabalho surge de uma leitura crítica do romance *Angústia*, publicado por Graciliano Ramos em 1936. Como o próprio autor salienta em carta endereçada ao crítico Antonio Candido, reproduzida em *Ficção e Confissão*, a obra foi composta em um curto espaço de tempo e, por motivo de prisão do autor, acusado pelo regime Vargas de envolvimento com a Intentona Comunista (CANDIDO, 2012), foi publicada sem um esforço devido de revisão prévia. Esse fato teria ocasionado, ainda segundo Graciliano, o que Candido chamou, em seu ensaio crítico, de certa “gordura” do texto: referências a tempos diferentes da vida de Luís da Silva entremeadas ao longo dos capítulos, que totalizam quarenta.

Na interpretação de Silvano Santiago, publicada em forma de pós-fácio na 63ª edição do romance, o relato do narrador-personagem é dividido entre uma macronarrativa, compreendendo o período decorrido entre a mudança dos Ramalho para a vizinhança onde Luís da Silva residia na capital e que propicia seu primeiro encontro com Marina – e um conjunto de micronarrativas que ajudariam a compor um panorama de certa forma revisionista do passado do narrador (SANTIAGO, 2008). Em vez da leitura sugerida pelo crítico, propõe-se, a partir de análise primeiramente dos recursos narrativos utilizados na obra, uma classificação em cinco tempos: sendo quatro principais (os quais são colocados explicitamente pelo narrador, ainda de que forma fragmentada) e um intermediário (evitado deliberadamente por Luís da Silva ao longo da narrativa).

Referenciais críticos e teóricos:

Partindo da aposta metodológica desenvolvida pelos integrantes do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Homero Araújo, o presente trabalho procura “buscar as relações entre forma estética e processo social em momentos diversos mas combinados da literatura brasileira” (ARAÚJO, 2014), mais especificamente no arco sócio-histórico traçado ao longo do relato de Luís da Silva. Na narrativa são englobados desde a decadência do sistema coronelista imperante no nordeste brasileiro, ocorrida principalmente em função da abolição da escravidão e da Proclamação da República no final do século XIX, até o momento de modernização conservadora pelo qual o país passa na década de 1930, período de mudanças significativas para vida na metrópole periférica representada por Maceió. Os dramas pessoais relatados pelo protagonista – como o endividamento, a constante sensação de não-pertencimento e o insucesso nas empreitadas sexuais e amorosas – são, então, vistos sob uma ótica que leva em consideração esse contexto social e histórico, viabilizando assim novos caminhos de interpretação.

Apontamentos de Análise

Os novos esforços de interpretação têm-se concentrado em dar continuidade a questões levantadas tanto na fortuna crítica acerca do romance quanto em discussões recorrentes no grupo de pesquisa, que surgem do cotejo entre *Angústia* e outras obras.

- O endividamento de Luís da Silva é colocado em perspectiva, sendo analisado em relação com as dívidas de outros personagens do Romance de 30. Ainda que tenha renda fixa e negocie no mercado formal (diferentemente de Naziazeno, em *Os Ratos*), o débito do protagonista ainda representa um problema grave em sua vida. Dever dinheiro para o tio de Moisés o afasta do amigo, fazendo com que Luís evite os lugares que costumava frequentar.
- Luís da Silva trabalha como jornalista, escrevendo artigos a favor do governo atual encomendados ao jornal, porém é também funcionário público; assim como Belmiro Borba (do romance de Cyro dos Anjos) e Naziazeno (da obra de Dyonélio Machado). No relato de Luís, o depoimento sobre como chegou até o cargo é limitado, e tampouco a crítica estudada discute o assunto mais profundamente. A hipótese com que o trabalho lida é a de que as duas ocupações do protagonista estão profundamente relacionadas e que sua permanência no serviço público mesmo depois de passar pela “decadência pós-Marina” se dá por conta das relações cordiais que mantém com seus superiores.
- Os elementos freudianos da obra – como a simbologia da cobra, corda e cano –, comentados por Antonio Candido em *Ficção e Confissão*, permitem que se explorem outros aspectos psicanalíticos presentes, em busca de interpretações acerca da formação da personalidade de Luís da Silva. Sua atitude hostil em relação às personagens femininas do romance em geral – desde os comentários misóginos do narrador aos sentimentos ambíguos que o protagonista tem em relação ao sexo, passando de volúpia a repulsa profunda – pode estar relacionada aos abusos perpetrados pelo pai de Luís em sua infância, além da falta de uma figura maternal que o defendesse e acalentasse.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Homero Vizeu. “Encalacrados no progresso” (prefácio) In GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.
- GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2014.
- GLEDSON, John. “O funcionário público como narrador: O amanuense Belmiro e *Angústia*” In _____. *Influências e impasses – Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia* [63ª edição]. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SANTIAGO, Silvano. “Pós-fácio” In RAMOS, Graciliano. *Angústia* [63ª edição]. Rio de Janeiro: Record, 2008.